

Débitos somam CZ\$ 1,9 trilhão

BRASÍLIA —As dívidas interna e externa representam hoje nada menos que CZ\$ 1,9 trilhão, algo que o Banco Central no seu programa econômico, editado em fevereiro, calcula em 44,4% do Produto Interno Bruto que está na casa dos CZ\$ 3,6 trilhões. Ou seja, quase a metade da riqueza com o trabalho de cerca de 60 milhões de brasileiros (população economicamente ativa) serve para pagar dívidas com investimentos, consumo da máquina pública e pagamento de títulos emitidos pelo governo. É o mesmo caso de um brasileiro que fatura, por exemplo, CZ\$ 100 mil por ano e tem de deixar na mão dos seus credores CZ\$ 44 mil 400, sobrando CZ\$ 55 mil 600 para as outras despesas.

Em dezembro de 86, segundo o Banco Central, a dívida dos estados e municípios, para investimento, consumo e outros gastos, era de CZ\$ 98,4 bilhões e, somados a mais CZ\$ 61,4 bilhões corres-

pondentes a dívidas mobiliárias (títulos e obrigações estaduais), os estados deviam no fim do ano passado CZ\$ 158,9 bilhões, o equivalente a uns 1.500 prêmios da Loto. Já a dívida do governo federal somava, em dezembro de 86, CZ\$ 246,2 bilhões.

Em abril, a dívida mobiliária do governo federal atingiu CZ\$ 710 bilhões, enquanto este item da dívida dos estados e municípios chegou, em março, a CZ\$ 77 bilhões. No ano passado, o total da dívida (referente apenas a operações de 86) atingiu CZ\$ 782,6 bilhões. No acumulado, ou seja, no saldo da dívida interna mais a dívida externa, este número sobe para CZ\$ 1,9 trilhão.

De acordo com um técnico do departamento de Economia do Banco Central (Dépec), o governo mantém uma linha de crédito para os estados e municípios com base na antecipação de receita.

— Mas esse dinheiro está saindo em

doses homeopáticas. Depois o ministro da Fazenda vai avaliar se cobra e como cobra dos estados esse dinheiro. Mas o problema é que, quando se financia a fundo perdido os estados, a pressão sobre o déficit público aumenta muito e os juros e a inflação sobem ainda mais — observou.

Esse técnico lembra que até o ano passado os estados não viveram situação calamitosa e que o crescimento de suas dívidas não foi acelerado.

— O problema é que agora os governadores estão fazendo malabarismos, preocupados e metidos numa grave crise financeira por culpa exclusiva do empirismo que correu solto no ano passado. Agora a receita não cobre sequer as despesas com pessoal. O problema é unicamente de disciplina administrativa, de desenvolver a prática de gerir bem o dinheiro público — disse o funcionário do Banco Central.